

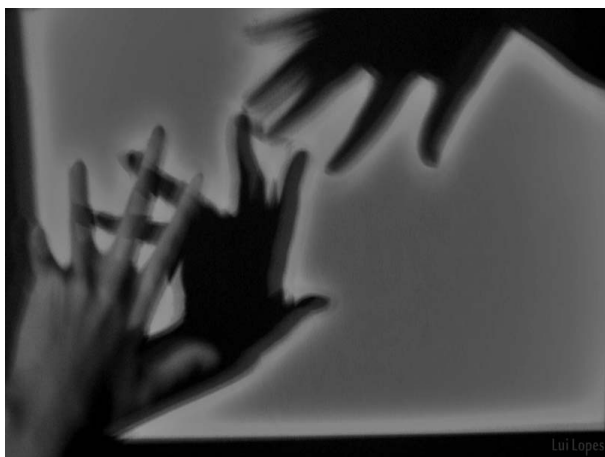
## **Educar para o olhar: novas formas de ser e de estar no mundo**

*Lucila Pesce e Lui Lopes*



A partir da pesquisa-ação do autor sobre fotografia artística e experimental e da trajetória de pesquisa da autora em educação e comunicação, o texto reflete sobre a importância de se educar para o olhar. Educar para a transgressão de padrões estéticos da Indústria Cultural, com vistas a contribuir com a constituição da identidade das crianças e jovens.

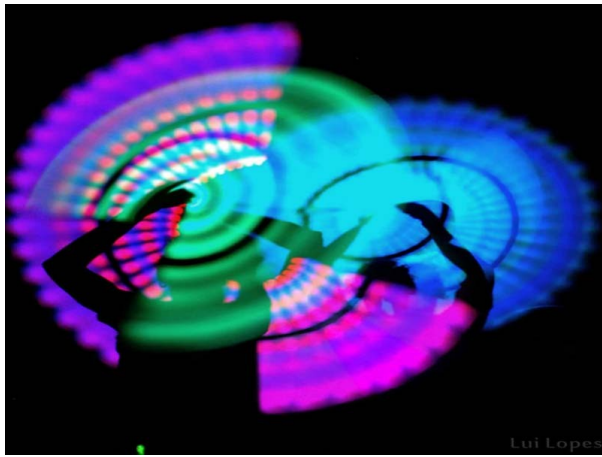
No mundo da estética padronizada, a beleza feminina associa-se à figura branca, magra e de cabelos lisos. Em que pese artistas como Beyoncé e Taís Araújo terem assumido um visual mais autêntico, meninas ainda são pressionadas a adestrar seus belos cachos com chapinhas, para se adequarem aos padrões vigentes. Do contrário, correm o risco de serem ridicularizadas por colegas e de terem sua auto-estima maculada, sem perceberem que a beleza ocorre em meio à diversidade de padrões estéticos.



No campo da fotografia, consolidou-se a padronização do olhar, através da crescente produção e transmissão massiva de conteúdos imagéticos. A acomodação do olhar sobre linguagens habituais vicia e obscurece a expansão da visão, por implicar a rejeição de novas representações, que demandam paciência para a concepção de conexões associativas e construção de significado.

Na contracorrente, educar para o olhar pode colaborar com a mudança desse *status quo*. Nesse intento são apresentadas fotografias que buscam propostas diferenciadas.

Sombras de mãos sobre parede causadas por luz externa ao estabelecimento. A fotografia busca remeter um sentimento introspectivo, ao apresentar a materialidade de uma mão que interage com outra sombra de natureza desconhecida. Inserida em um contexto imaginário, sugere o místico e espiritual, para que o espectador possa significá-la segundo sua capacidade de abstração e percepção associativa. Estimula a interpretação, pela força simbólica e metafórica do tema abordado: a mão humana.



Algumas produções fotográficas despertam intensas sensações no espectador, do maravilhamento por uma beleza estética ao estranhamento provocado por uma representação incomum. A abstração e a fragmentação são alguns recursos adotados na linguagem experimental, por apresentar riqueza em formas, cores, textura, luz e sombra. Priorizam o detalhe, atribuindo maior valor dramático à obra.

A fotografia é um sistema figurativo versátil que apresenta vasto potencial para a construção de inúmeras formas de linguagem, que variam de acordo com a intencionalidade plástica do operador. Mas, a despeito de tal potencial, há um pacto social que inibe o relacionar-se com a câmera fotográfica, como ferramenta transgressora do referente. A censura de produções alternativas e de experimentações parte de empregadores e fotógrafos profissionais, construtores de imagens, viciados nos padrões estéticos da Indústria Cultural.

Como o prazer desencadeado pelo amadurecimento do sistema auditivo, que reage a uma programação musical eclética de harmonia elaborada, ou a satisfação pessoal estimulada pela degustação da combinação de sabores gastronômicos, a solidificação do olhar convencional em olhar seletivo carece do exercício contínuo de observação crítica e atenção a todo tipo de manifestações. Nesse movimento busca-se somar conhecimentos e superar preconceitos, através de um processo lento de construção de repertório e sensibilidade.

A educação para o olhar pode contribuir para que crianças e jovens rompam com a subserviência à estética imposta pela Indústria Cultural e busquem novas formas de ser e de estar no mundo.

**sobre o(a) autor(a):**

Professor Adjunto da UNIFESP, doutora em Educação pela PUC/SP, com pós-doutorado em Filosofia da Educação pela UNICAMP.

Lui Lopes: Fotógrafo profissional, bacharel em Comunicação e Multimeios, pela PUC/SP.